

IMAGENS D'EPINAL

VOLUME 1



Rua Capitão Gomes, 168
Brazópolis – MG – 37530-000

Publicação Independente
Edição Digital

2021

IMAGENS D'EPINAL

Carlos Gonçalves

As Imagens d'Epinal, de que irei falar, têm uma particularidade especial, é que foram impressas e comercializadas no Brasil pela Landenne&Bravard – Rua Gonçalves Dias 11 – Rio de Janeiro – Brasil (únicos concessionários das Imagens d'Epinal para o Brasil e Portugal). Não é a primeira vez que tal acontece e até de moldes diferentes, passaram a ser totalmente comercializados em Portugal depois de se terem iniciado como edições brasileiras no início do século XX. Lembramos, por exemplo, a revista de HQ **O Carlitos**, os fascículos policiais das **Aventuras de Jim Joyce** do português Reinaldo Ferreira, mais conhecido como o “Repórter X”, e finalmente a publicação satírica **A Melindrosa**. Todas começaram no Brasil, interromperam a numeração, e continuaram em Portugal.

As Imagens d'Epinal brasileiras constam de um total de 30 folhas. As folhas possuem um tamanho próximo do A3 e são impressas numa folha de papel quase transparentes (gramatura próxima do papel bíblia). São folhas de uma qualidade de impressão excepcional se nos lembramos da época (1910).

Existem duas edições, uma mais barata e outra com impressão a ouro, mais cara. Há edições encadernadas pelo próprio editor.

Cada folha retratava um episódio em que a personagem principal cometia uma má ação, era “recompensada” de várias formas, como castigo pelo ato cometido. O número de desenhos variava entre as 9, 12 ou 16 vinhetas. Também contavam as histórias grandiosas ou mirabolantes de figuras célebres, Guilherme Tell, S. Vicente de Paulo, e havia também boas ações recompensadas.

Embora menos, encontram-se relatos impressos só com oito vinhetas, o que nos delicia ainda mais, com a arte apresentada com uma maior dimensão nos desenhos. Os sonhos também têm o seu lugar nos episódios.

Calcula-se que em França, e destas maravilhas, eram impressas por ano cerca de 13 milhões de exemplares e depois distribuídos pela Europa e resto do mundo. São mais de 800, as folhas que se publicaram em França. Mas em Portugal achá-las não é fácil... no Brasil, não sei.

NOTAS:

As 30 folhas das Imagens d'Epinal foram aqui divididas em dois volumes por questões práticas, para que os arquivos em PDF ficassem menores e mais fáceis de colocar à disposição ou enviar via email.

Aqui, nesta edição, as folhas estão sendo publicadas em tamanho pouco menor que o A4, mas como se trata de edição digital, é possível aumentar a imagem na tela para melhor apreciação dos desenhos.

A maioria das Imagens não tem assinatura, mas algumas possuem. São os casos das Imagens de números 1, 7 e 16, de autoria de Lamouche; de números 14, 17, 27 e 28, de autoria de Jules Hennault (ou Hénault); e a de número 24, de autoria de E. Phosty.

Consultando a Bibliothèque Nationale de France, conseguimos identificar apenas algumas das Imagens originais publicadas na França. Como essas Imagens foram constantemente republicadas, as datas indicadas podem não ser da primeira publicação.

Os números e nomes originais das Imagens publicadas neste volume são:

Imagem nº 1 – originalmente nº 423 – *Le Petit Déserteur* – Lamouche – 1891

Imagem nº 5 – originalmente nº 390 – *L'Âne de Pedro* – 1893

Imagem nº 7 – originalmente nº 425 – *Un Mauvais Garnement* – Lamouche – 1891

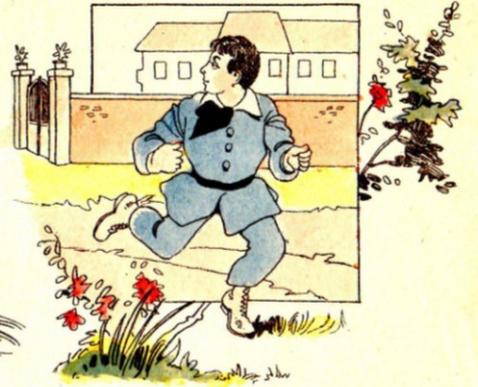
Imagem nº 14 – originalmente nº 339 – *La Petite Vaniteuse* – Jules Hennault – 1896



Desde a sua entrada no collegio, Eduardo que é muito preguiçoso, aborrece-se e só pensa no bom tempo das ferias.



Descontenta todos os seus mestres que não podem senão castigal-o à cada instante, privando-o de todo recreio.



Eduardo tomou um dia uma grande resolução. Tendo arranjado uma corda, desceu pela janella e desertou do collegio.



Sorpreso pela noite no matto, elle ouve uivar os lobos e fica amargamente arrependido de ter procedido assim.



De repente vê chegar ao longe um grupo de homens armados e de caras sinistras que quanto mais se aproximava d'elle mais lhe metta medo. Então mais depressa que um macaco trepa n'uma arvore.



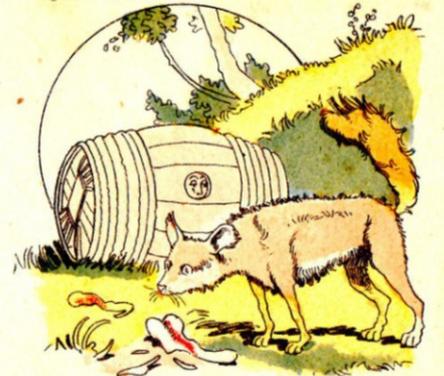
E uma malta de ladroes que vem alli repartir entre elles tudo quanto roubaraõ. A arvore em que está Eduardo marca justamente o lugar que serve de ponto de reunião aos ladroes. Estes acendem uma fogueira para cozinhar e poem-se em seguida à comer.



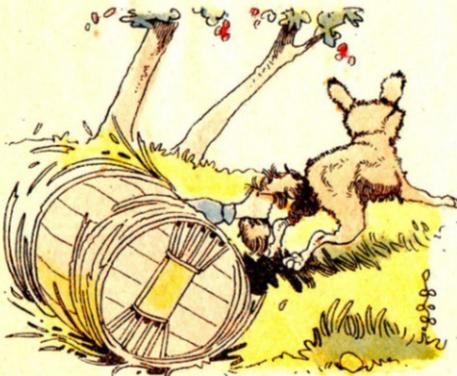
A fumaça feita pela fogueira sóbe por dentro da arvore. Eduardo suffocado dá um espirro tão forte que os ladroes levantam a cabeça: « Tem alguém lá em cima! » gritão elles e logo apromptam-se para atirar dentro da ramagem da arvore.



Eduardo mostra-se então e pede para que não o matem. Os ladroes consentem em deixar-lhe a vida, porem ordenão-lhe de descer; um d'elles mesmo propõe de fechar o pequeno indiscreto dentro de um barril que trouxeram. Tal proposição é aceita e executada.



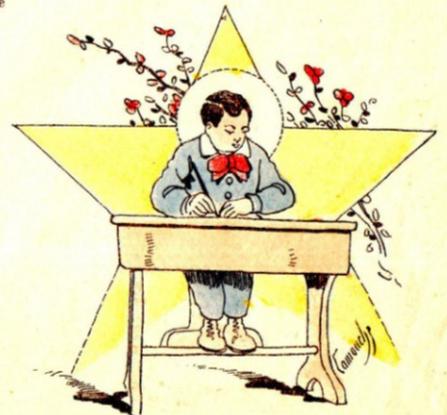
Os ladroes depois o abandonão. Chega uma raposa faminta que attrai-se às migalhas do jantar.



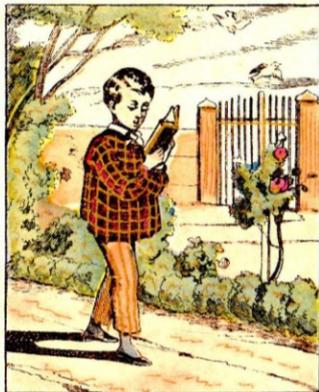
Eduardo que espiava pelo furo do barril vendo o rabo da raposa pertinho d'elle, segura-o com força.



O animal espantado deita-se à correr arrastando o barril em que estava Eduardo. O barril tanto bateu nas arvores e nas pedras que não tardou à escangalhar-se completamente.



Livre enfim de tão perigosa aventura, Eduardo conseguiu chegar em casa. Depois de uma severa decompostura do pai, foi conduzido de novo para o collegio. Eduardo corrigido acabou por ser um distincto alumno.



Todos os dias o Fernando levanta-se ás 5 horas da manhã para estudar e desce no jardim para passar de novo suas lições.



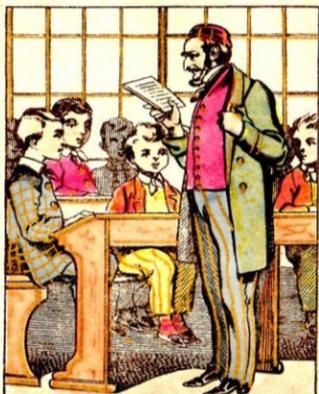
Pelo contrario, Eduardo é um preguiçoso incorrigível. Já são 8 horas e pela quinta vez sua mãe lhe vem dizer que se levante.



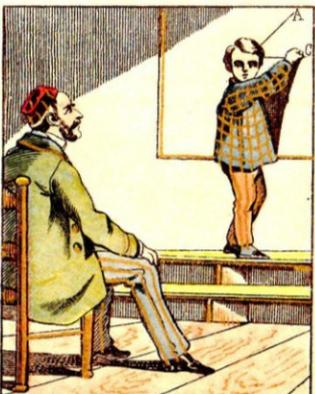
Fernando almoça depressa e vai para o collegio todo satisfeito; elle sabe todas as suas lições e tem plena certeza de não ser castigado.



Enquanto que o preguiçoso é obrigado pela sua mãe á ir ao collegio adonde elle tem medo de apresentar-se. Elle faz o doente e diz que está com dor de dentes, dor de cabeça, etc.



Fernando como todos os bons alumnos recebe na aula felicitações de seu professor; seus cadernos estão muito limpos e bem redigidos. O Eduardo, elle, só apanha castigos.



Fernando quando é interrogado nunca se atrapalha porque sempre presta attenção ás explicações do professor.



No quarto de Fernando tudo está em perfeita ordem. Elle possui uma pequena estante para arrumar os seus livros de estudo, os presentes que lhe são feitos e os premios magníficos que alcança no collegio.



Elle faz a felicidade de seus paes e de seus professores. Quando passeiam juntos encontram innumerables amigos que cumprimentão á sua familia. A mãe do Eduardo coitada, pelo contrario, tem vergonha de seu filho que é sempre dos ultimos da aula.



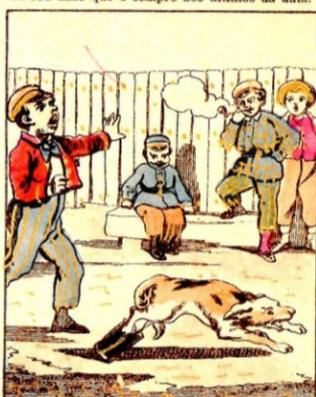
Os malandros são todas as noites castigados. O porteiro do collegio tem a lista d'elles e quando vê o Eduardo exclama zombando: « Ainda o Sr. Eduardo, sempre o Sr. Eduardo! »



Elle é ignorante mas cheio de vaidade: escreve seu nome em todas as paredes.



Em lugar de escutar a lição do professor brinca e faz todas as asneiras possíveis quando o professor vira as costas.



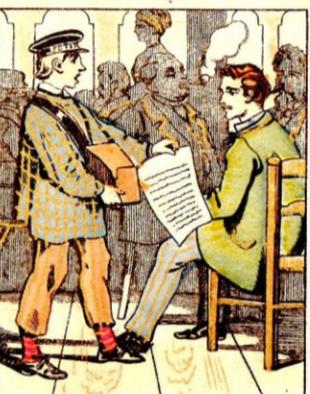
Elle amarrò uma panella no rabo de um cachorro e gloria-se de acto tão malvado. Seus companheiros são os peiores meninos do collegio e como elle andão sempre castigados.



Não querendo trabalhar no collegio teve que entrar n'uma casa de negocio. Porem seu patrão descontente com seu trabalho e seu comportamento mandou pol-o no olho da rua.



Fernando, bom alumno que tinha tomado cedo o costume do trabalho principiou n'uma fabrica de papel como gerente e chegou em pouco tempo á ser socio da casa.



Eduardo depois de ter sido expulso de muitos empregos, viu-se na necessidade de andar pelas ruas vendendo O País, A Gazeta, A Noticia, O palpite dos 25 bichos, etc.



Seus companheiros até não o querem mais conhecer. Desprezado de todos, só pode ganhar á sua vida correndo pelo mundo em circos de cavalinhos feito de palhaço.



Este é meu filhinho Juquinho e está é meu Totó, gosto muito d'elles.



Vou metter o Juquinho na cama e o Totó vae para adonde quizer; tenho que preparar o mingão.



Coma, meu bem, o mingão não está quente se quizeres ficar grande como a mamãe é preciso comer teu mingão.



Santo nome de Deus! és tu Juquinho e não fallavas! com certeza quem comeu o mingão foi o Totó.



Vou fechar este maldito Totó, este bicho de quatro pés.



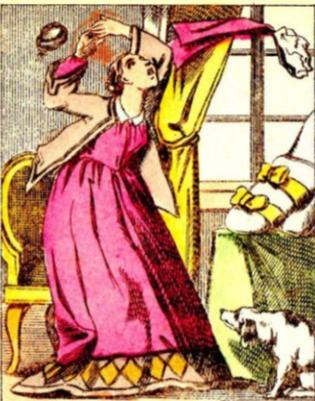
E a Sra. Me-esqueceu sahe passeiar com o Juquinho; mas o Totó que não é molle, pula pela janella e corre atraz de sua dona.



A Sra. Me-esqueceu fica tão contente de ver o Totó que, distraida deixa cahir no capim seu filhinho, sem perceber-o.



Voltando para a casa, continua tão preocupada com o Totó que não dá pela falta de seu filhinho.



Mas quando chega nos seus aposentos, quer mudar a roupa do Juquinho e então desesperando de não achal-o, jura que nunca mais ficará tão distraida.



Felizmente uma camponeza encontra o Juquinho e leva-o á sua mãe.



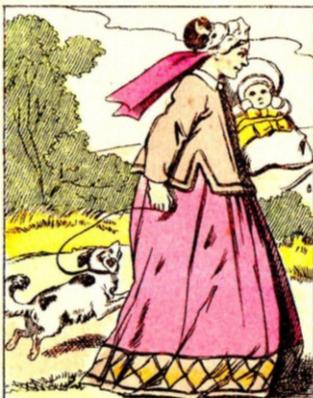
Oh! minha boa filha, quero recompensar tão boa acção, e julgando dar-lhe algumas moedas, dá-lhe uma pitada de rapé.



Agora que graças á Deus estamos todos reunidos é preciso tomar sentido para não nos perdemos mais.



D'esta vez não haverá mais duvidas, vou conduzindo o Totó amarrado.



Não perder de vista meu filhinho e segurar bem o Totó.



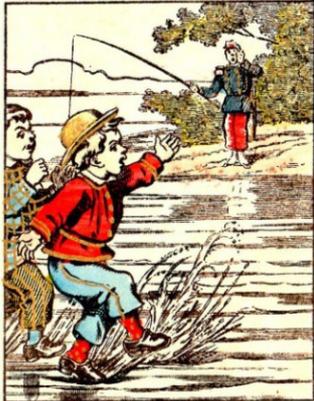
D'este modo aconteça o que acontecer, hei de ver sempre Juquinho na sua mantilha e hei de ter sempre Totó preso na corda.



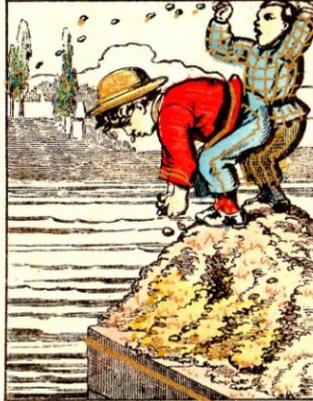
Mas breve foi o Totó que prendeu a Sra. Me-esqueceu que ainda estaria presa se não viessem soccorrel-a.



Pedrinho tome sentido : Vou te vestir e depois quando estiver occupada não vais brincar perto do rio.



Apezar da recommendação da mãe, Pedrinho encontrando-se com Paulo, foram immediatamente os dois brincar à margem do rio. Um soldado que estava pescando previne os meninos do perigo que corriam



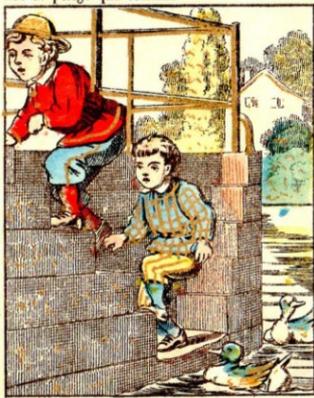
Eles então sobem sobre um monte de pedras e começa a atiral-as ao rio.



O velho Marujão corre atrás dos vadios para corrigil-os.



Mas elles fogem mais longe e vão brincar nas escadas que servem aos bateleiros para atracar.



D'esta vez estavam à vontade, lá só havia patos que elles não comprehendiam e peixes que não dizião nada.



« Queres ver, diz Pedrinho ao seu camarada, que ando assim até a ponta d'esta viga. » « Cuidado, responde Paulo, você cahe ! »



Qual, isso não é nada; olha, o que você não é capaz de fazer é andar assim de gatinhas.



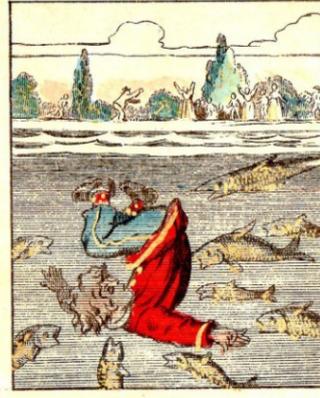
Agora, vou fazer o que ha de mais difficil vou dansar. Mas de repente o vento leva o chapéo do Pedro que fazendo um movimento para apanhal-o, escorrega e cahe.



Agarrado pelo vestido ficou suspenso um momento e depois mergulhou. Paulo pôe-se logo á gritar como um desesperado.



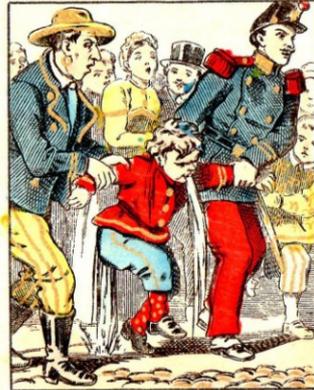
O velho Marujão que navega n'aquellas paragens ouvindo os gritos de Paulo chegou para soccorrel-o enquanto o soldado atirava-se n'agua.



Pedro mal cahiu n'agua começou á descer como um pedaço de chumbo e os peixes vieram comprimental-o.



Graças aos esforços do soldado que mergulhou diversas vezes, Pedro foi trazido á tona d'agua e com a ajuda do velho Marujão o levarão no batel.



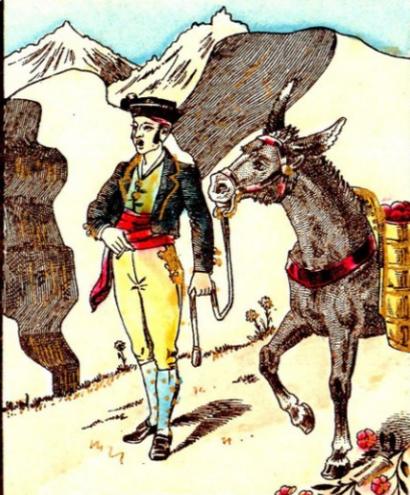
Felizmente, Pedro ainda estava vivo mas em misero estado : lançava agua de todos os lados. O soldado e Marujão conduzirão-no para a casa.



Logo que ficou melhor da doença que o tinha acometido, sua mãe comprou-lhe livros afim de mandal-o para a escola.



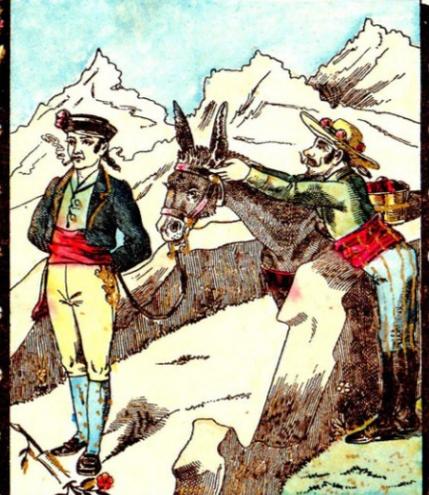
Lá está o grande mergulhador com seu camarada Paulo, d'esta vez acabou-se a vadição.



Pedro Simplorio comprou uma linda besta e tão satisfeito está de sua compra que volta para a casa cantando.



Attrahidos pelos cantos, dous handidos que o conhecem, concebem um meio ingenioso de subtrahir lhe a besta. Um d'elles veste-se de frade.



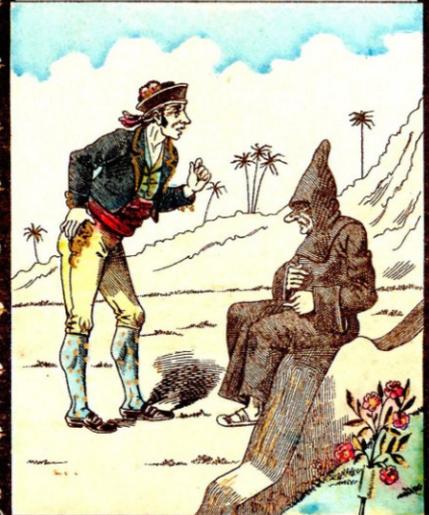
Em seguida vão collocar-se na passagem de Pedro, escondidos por uma rocha. Mal passava a besta do Pedro que as redeas foram tiradas do animal e amarradas ao falso monge.



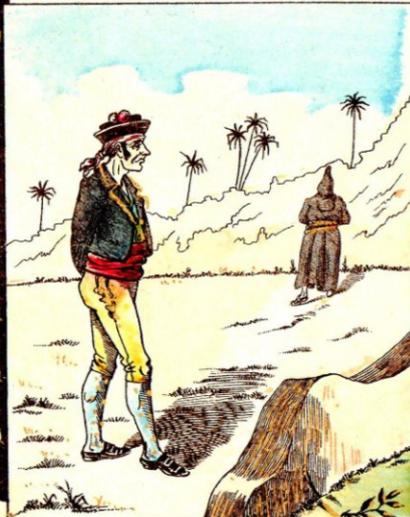
A troca foi feita com tanta dextreza que Pedro nada percebeu e continuou seu caminho sempre cantando. O lrapio seguia sem fallar.



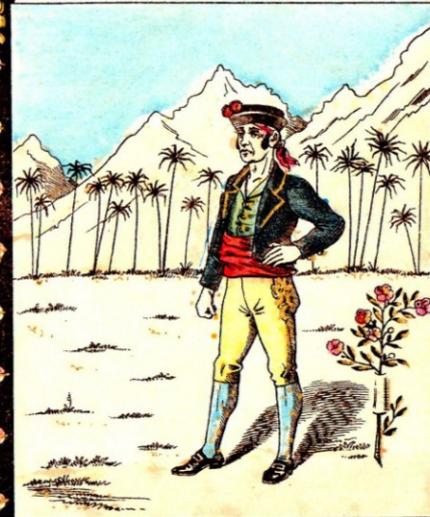
N'uma curva do caminho Pedro reconhece com espanto que está puxando um frade e não sua linda besta que desapareceu.



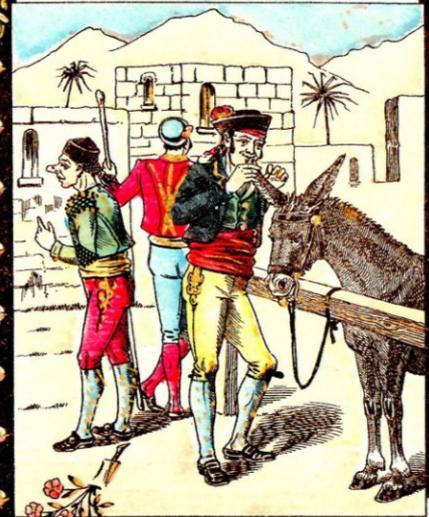
Depois de alguns momentos, Pedro pergunta ao religioso o motivo d'esta substituição. O falso monge conta-lhe então que por causa de um peccado foi condemnado a viver 7 annos no corpo de um jumento, mas que agora mesmo acabara seu castigo e que Deus tornou a dar-lhe a forma humana.



Pedro Simplorio convencido, exclama: « Que caiporismo, uma besta tão linda! Verdadeiramente meu reverendo era mais bonito de burro que de monge. Mas que fazer! será o que Deus quizer. — Amen! respondeu o falso monge retirando-se. »



Mas não é justo, pensou Pedro, que eu venha a pagar os peccados dos outros... e pensar que ninguem acreditará o que me aconteceu e que no entanto é a pura verdade!



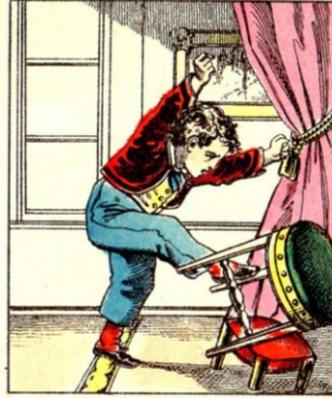
Alguns mezes depois, Pedro Simplorio indo ao mercado reconheceu o burro que tinha comprado e perdido. Aproximou-se do animal e sorrindo, disse-lhe no ouvido: « Então, meu reverendo, parece que tornou a cometer algum grave peccado... mas d'esta vez não hei de ser tólo; compre-o quem quizer. » E muito satisfeito, retirou-se pensando que á outro havia de acontecer a mesma aventura.



Já são tres vezes que chamarão Manduca que levanta-se furioso..



Não quer deixar-se vestir pela sua ama; arranca-lhe os cabellos, dá-lhe arranhões; é um verdadeiro diabo.



Ainda furibondo atira com as cadeiras no chão.



Dá ponta-pés nas portas fazendo estremecer toda a casa.



Encontrando sua mana Lili que dá uma surra à sua boneca, Manduca quer oppôr-se dizendo: « a boneca nada fez. »



Lili diz que Manduca nada tem com isso e que ella tem o direito de castigar sua filha.



Manduca sustenta que o direito está com elle e que não quer que a boneca seja castigada.



Lili quer castigar a boneca e Manduca quer tiral-a das mãos da irmã. « Quero a boneca, diz Manduca. — E eu não quero dal-a, responde Lili. »



De repente, Lili largou a boneca e Manduca deu um trambulhão.



Lili tornou a segurar a boneca e a briga continuou com mais encarniçamento.



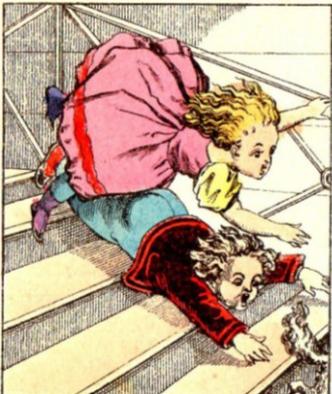
Mas os dois tendo largado ao mesmo tempo foraõ dar com a parte interessante no chão, enquanto o cão da casa apodera-se da boneca.



Quando levantam-se vêem que a boneca tinha desaparecido e que o cão carregava com ella.



Furiosos correm atraz do cão para rehavear a boneca.



Tão desastradamente o fazem que os dois rolam as escadas abaixo.



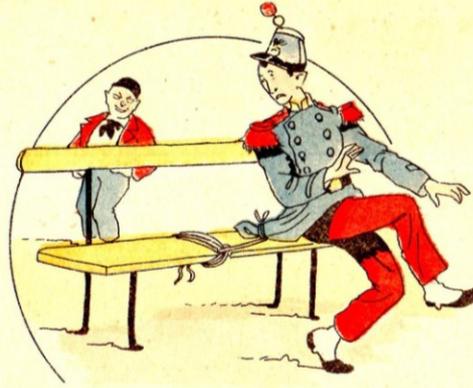
Machucados e estropeados levantam-se chorando.



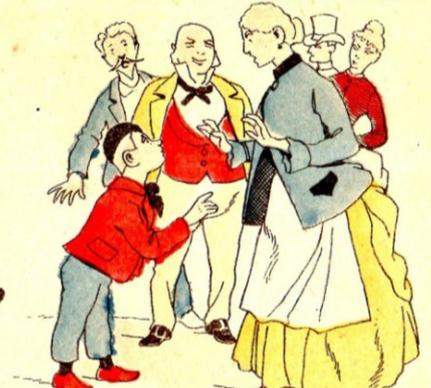
Tendo que ficar na cama durante algumas semanas, acabaram por fazer as pazes.



Totó é um rapaz de uns 10 annos que só pensa em incommodar a gente e martyrisar os bichos.



Vendo um soldado adormecido amarrô-lhe a tunica no banco e despertou-o. Julgando que passava um official, o soldado quer levantar-se, mas não pode e o Totó desata a rir à vontade.



Um dia de recepção pede à sua mãe que mostre aos convidados o estojo que recebeu de manhã contendo dentes tão bonitos.



Passando em frente do quarto da porteira pede-lhe que lhe mostre todos os mexericos que faz com os locatarios.



O velho Cocoroca tendo adormecido quando estava pescando, Totó agarra ao anzol um arenque salgado.



E desperta o pescador dizendo que viu mergulhar a boia. Cocoroca feliz levanta a linha com presteza e fica furioso vendo que apanhou um peixe salgado. O Totó cahe na gargalhada.



Passeando no Jardim Publico, Totó encontra um camarada muito entretido em olhar os peixes no tanque central; dá-lhe um ponta pé na parte mais aparente e attira-o no fundo d'agua.



Na escola enquanto o professor está no quadro explicando um problema, Totó faz gymnastica e distrahe todos os alumnos.



Tendo ouvido dizer que os caes não se amarrão com linguças, julgou que era para não machucalos, porem tendo experimentado, o cachorro pôe-se logo à devorar as linguças. Totó fica espantado da veracidade do dito: os caes não se amarrão com linguças.



Era tão travesso que roubou a chave da adega e foi beber vinho de todos os tonneis. Não tardou em ficar embriagado ao ponto de deixar todas as torneiras abertas e de escapar de morrer afogado no vinho.



Seus pais que accudiraõ-lhe tiverão muito que fazer para chamal-o à si, em tão lastimoso estado tinha elle ficado, soffrendo da cabeça e do estomago.



Mas uma vez curado, foi collocado no meio da rua com um cartaz de ladrao e o Totó vexou-se tanto que prometteu corrigir-se... o que elle fez.



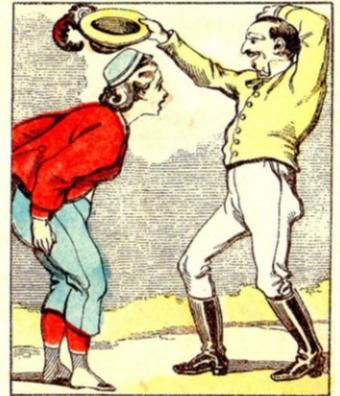
Veja, minha mulher, isto é o desenho de um velocipede; e mais bella invenção do seculo XIX. Toda a gente poderá ter seu carro da mesma forma do que a gente rica.



Seduzida pela invenção, minha mulher quiz tambem um velocipede para ella e lá vamos os dous..... E' maravilhoso!



Mas uma maldita pedra atirou com minha esposa no ar e ella foi cahir no chão sobre a parte posterior. Esta queda fez sahir do meu cerebro uma invenção magnifica.



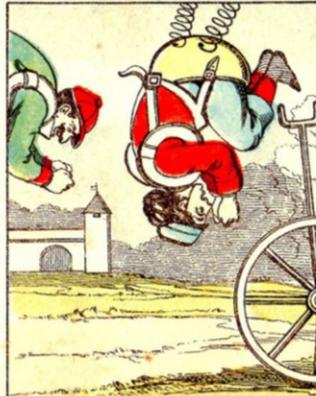
Pois é bonito você enthusiasmar-se assim porque por um triz quebrava-me a cabeça! Meu bem é que acabo de imaginar agora o parquedas.



Com o meu sellim adherente, cheio de chumbo e guarnecido de molas qualquer fôrta para a queda que se der, a lei da attração ha de fazer-nos cahir sobre o nosso centro de gravidade.



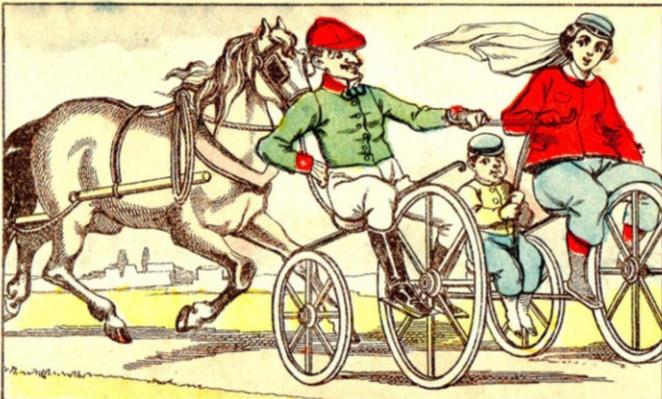
D'esta maneira cahindo sobre o mesmo centro de gravidade seremos novamente atirados no ar com a rapidez da centelha electrica.



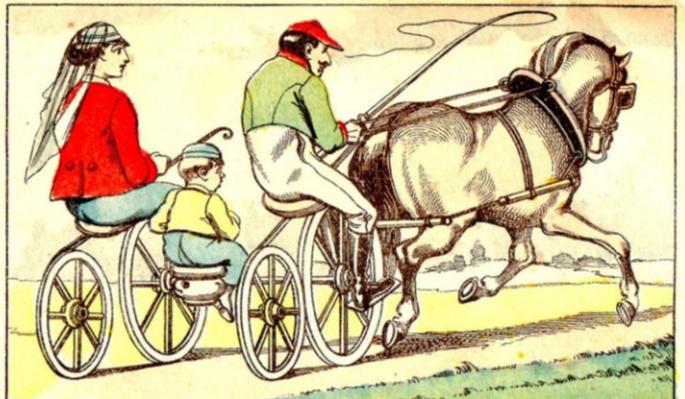
O peso do corpo combinado com a força adquirida, far-nos-ha descrever elegantes parabolas que produzem sensações deliciosas. E' magnifico!



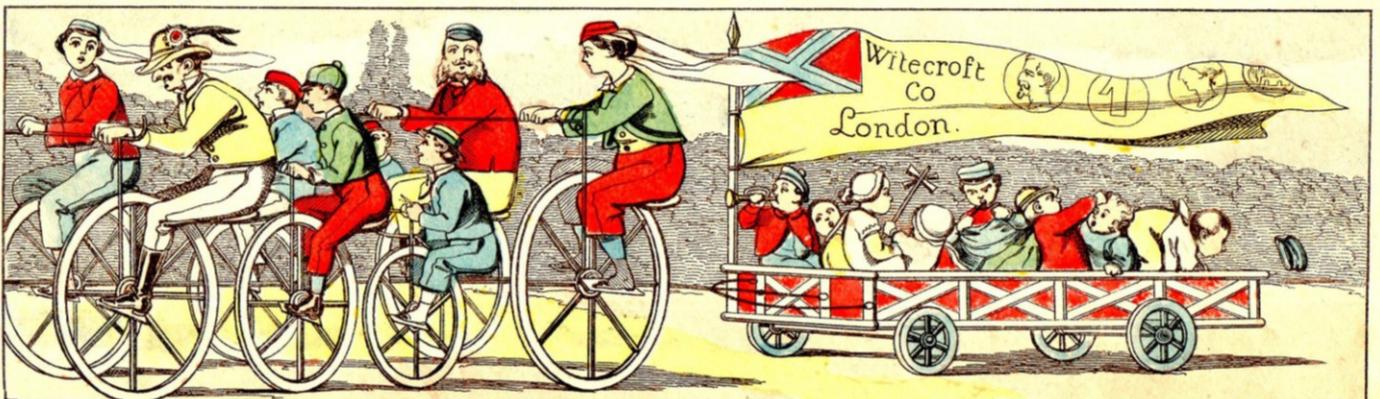
Com este genial invento as quedas tornam-se realmente agradaveis. Vou tomar um privilegio e minha fortuna está certamente feita.



Satisfetissimo com este resultado inventei o velocipede conjugal, tendo no centro um lugar para as bagagens ou as crianças.



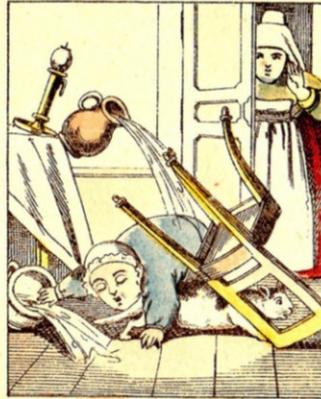
Mas o cumulo do genio foi minha ultima lembrança, a de adaptar um cavallo ao meu velocipede. Quando a gente está cansada d'esta arte é só engatar o cavallo no velocipede e seguir o caminho a fora. Tomo outro privilegio.



D'esta vez tenho direito á admiração da humanidade inteira acabo de inventar o velocipede de sociedade para passeios e recreios. A gente andava sózinho de modo que o divertimento era egoista. Hoje com meu invento, um chefe de familia consciencioso do bem-estar dos seus, leva mulher, filhos, parentes, convidados, etc., etc., etc. E' um meio de locomoção sem igual por reunir no mais alto gráo, a economia, a elegancia, a hygiene, o divertimento e o conforto. Estou eu mesmo tão embasbacado por minha invenção que receio muito nunca poder attender á todos os pedidos que me vierem das cinco partes do mundo.



O pequeno Xavier era no dizer das boas mulheres que assistirão ao seu nascimento um perfeito menino; mas tinha as orelhas um pouco compridas.



Distinguiu-se logo pelas suas aptitudes em atirar tudo no chão.



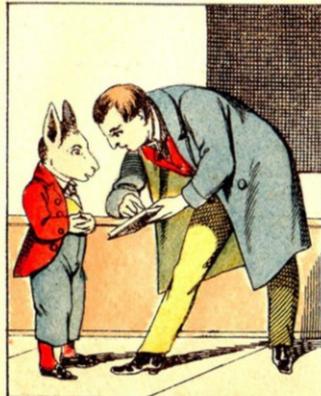
Quando chorava era sufficiente dar-lhe um pedacinho de pão para fazer calar-o. Sua mãe vendo que era de genio serio e socegado resolveu fazer d'elle um tabellião.



Levou-o em casa de um professor que não o julgou com grandes disposições para o estudo; contudo prometeu de enviar os esforços para educal-o.



O pequeno orelhudo nunca chegou á conhecer mais de duas letras; qualquer fosse o nome dictado, escrevia sempre IA.



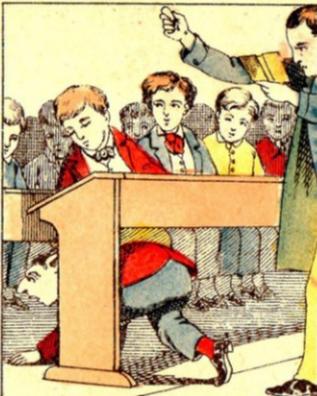
O professor esforça-se em explicar-lhe que IA não faz a palavra CHAVE.



E vae para o quadro para escrever a palavra, mas o pequeno orelhudo já está de costas viradas e tem uma apparencia tão estúpida que todos os alumnos desatão á rir.



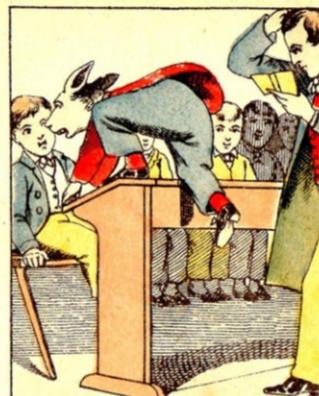
O professor perdendo a paciencia manda o bestunto para o seu lugar.



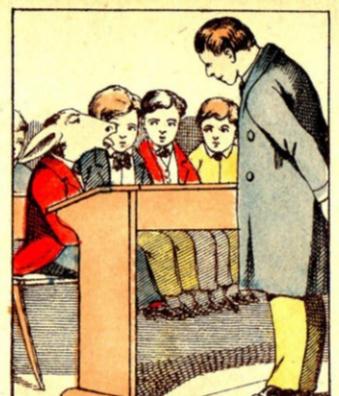
Com a pressa de voltar para seu banco o Xavier passa de gatinhas por baixo da mesa.



O professor perdendo ainda a paciencia fel-o sair do seu lugar e perguntou-lhe se não conhecia outro caminho.



O orelhudo mostrou que conhecia outro caminho passando por cima da mesa.



O professor vendo-o cada vez mais estúpido, declarou-lhe que havia de ficar um perfeito burro.



O orelhudo julgando-se bastante adiantado, comprou uma bengala e um oculo. Sua mãe quer mostrar-lhe que tudo isso é inutil, completamente inutil, mas elle replica que sua mãe é muito strazada.



Os seus modos pretenciosos não erão muito do gosto da sua mãe mas ella pensava que o juizo havia de vir com a idade. O orelhudo diz á sua mãe que quer ser tabellião.



O orelhudo foi apresentar-se em casa de um tabellião mas este depois de um minuto de conversa recusa absolutamente de empregal-o.



Não sendo bom para nada de util, gasta todo o dinheiro que lhe deixou sua pobre mãe e fica reduzido a fazer o carregador.



N'aquelles tempos a Suíça geria debaixo da tyrannia do cruel Gessler que governava por conta do Imperador da Austria.



Um dia o filho de Melcattal que trabalhava no campo viu chegar os soldados de Gessler que vinham roubar-lhe os animaes. Melcattal matou um d'elles e pôz os outros em debandada.



Melcattal obrigado a fugir foi salvo por Guilherme Tell que, apesar de uma tempestade medonha, fez-lhe atravessar o lago dos Quatro-Cantons.



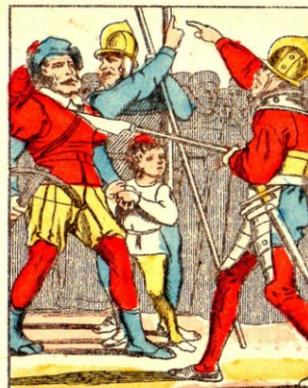
O filho salvo por Guilherme Tell, escondeu-se nas montanhas, mas Gessler vingou-se mandando cegar o velho Melcattal.



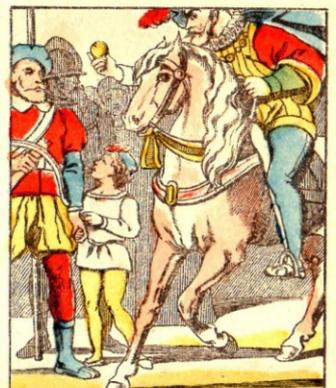
Os cidadãos mais importantes dos tres cantons uma noite reunidos em segredo jurão de repellar os estrangeiros opressores, ou de morrer.



O cruel Gessler tendo feito construir uma fortaleza em Altdorf, obrigava todos os cidadãos suíços a descobrirem-se quando passavam perto de seu chapéo que tinha feito collocar na praça publica em cima de um péo.



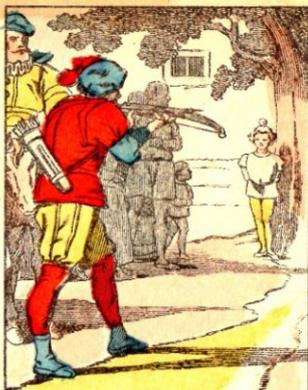
Guilherme Tell passando com um filho seu perto do chapéo de Gessler, recusa descobrir-se.



Gessler disse á Guilherme: « Dou-te a vida salva e a de teu filho, se com uma flecha á cem passos de distancia tirares esta maça de cima da cabeça de teu filho; no caso contrario haõ de morrer ambos.



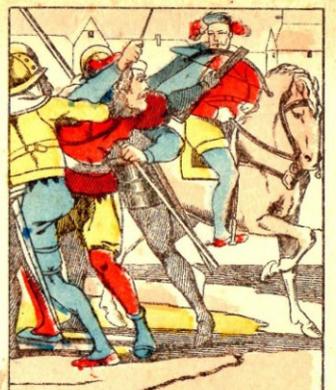
As mulheres do lugar supplicão Gessler de não exigir uma pena tão perigosa e cruel, mas o feroz governador quer incontinentemente que o pobre Guilherme alveje o seu filho ou que seja morto.



Guilherme chorando de emoção tira de sua aljava duas flechas, colloca uma d'ellas na cinta e a outra no arco; alvejou bastante tempo, e afinal a setla lançada com toda forpa tirou a maça da cabeça da criança e o povo haten palmas com delirio.



Gessler ficou raivoso e perguntou á Guilherme porque tinha posto outra setla na cinta.



Esta, barbaro, respondeu Guilherme, era para tirar-te a vida se tivesses tirado a de meu filho. — Muito bem, conduzem este homem na prisão, porque prometti-lhe a vida mas não á liberdade, disse Gessler.



Algum tempo depois, Gessler que levava preso Guilherme para o castello de Kussnacht atravessava o lago dos Quatro-Cantons, quando uma horrosa tempestade poz a barca em perigo extremo. Conhecendo a pericia de Guilherme, Gessler prometteu-lhe a liberdade se elle puzesse o barco fóra de perigo e ordenou aos soldados de saltar-o.



Apesar da noite escura e da tempestade Guilherme dirigio o barco perto da costa e arrancando de repente á um soldado o arco e as flechas atirou-se sobre um rochedo e repelliu o barco com o pé.



Gessler que tinha conseguido desembarcar lançou-se em perseguição de Guilherme que escondido atraz de um rochedo atirou-lhe uma flecha que o attingiu em cheio no coração. Gessler cahiu morto lançando golphadas de sangue.



Guilherme á testa dos cidadãos dos cantons de Uri, Schwitz e Unterwalden foi assaltar a fortaleza de Gessler da qual apoderou-se e expelliu os tyrannos fóra de seu paiz. Desde aquelles tempos a Suíça apesar de diversas tentativas de nações estrangeiras, conservou sua independencia.



Vicente de Paulo nasceu perto de Dax em 1576; seus pais sendo pobres o rapaz guardava os rebanhos nos campos.



Mais tarde seus parentes vendo suas disposições para o estudo reunirão o dinheiro necessario para mandal-o no collegio.



Depois de exames brilhantes foi ordenado padre; tinha apenas 24 annos.



O arcebispo de Narbonna tendo-o chamado para sua companhia, Vicente embarcou em Marselha, mas durante a travessia foi o navio assaltado por um corsario de Tunis e Vicente ficou prisioneiro.



O corsario vendeu-o como escravo, mas Vicente converteu o seu amo à religião do Christo.



Depois de 2 annos passados em Tunis, Vicente volta com seu amo para a França.



O vice-legado de Avinhão encarregado de uma missão importante, leva Vicente para Roma.



O papa Gregorio XV recebeu o jóven padre com muita benevolencia e depois de dar-lhe a benção apostolica, encarregou-o de uma missão para Henrique IV.



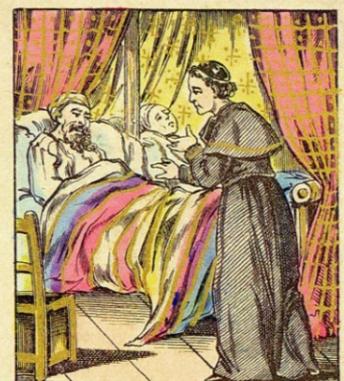
Na sua volta em França, o rei recebeu-o com cordialidade e testemunhou-lhe muita affeição.



Autorizado à catechisar os camponeses em todas as provincias, converteu grande numero d'elles à fé Christã.



Visitando os galés em Marselha, tomou o lugar de um forçado que tinha sido injustamente condemnado.



Vicente passa a sua vida em tratar os doentes nos hospitaes.



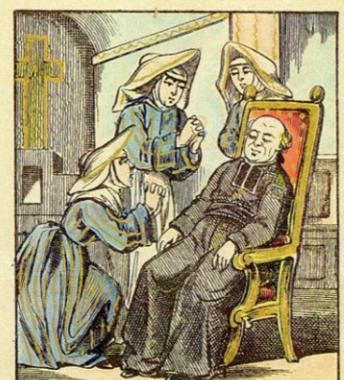
Em 1619, o rei de França, Luiz XIII, conhecendo as virtudes de Vicente de Paulo, nomea-o capellão general de todos os presidios.



A caridade d'este santo homem era inesgotavel; durante um inverno rigoroso passeia pelas ruas e leva consigo as creanças que encontra abandonadas.



Para tratar as pobres orphãos que recolhia, fundou a admiravel ordem das irmas de caridade que ainda hoje prestão tantos serviços revelantes nos hospitaes.



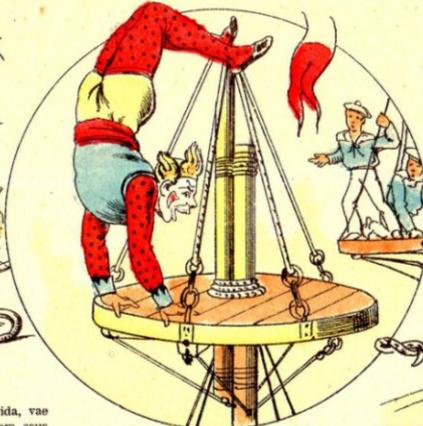
São Vicente de Paulo morreu em 1660 na idade de 84 annos.



Fazer sempre os mesmos exercicios, dizer sempre as mesmas asneiras diante de um publico que parece sempre igual, não é do gosto do celebre Bobó, o palhaço do grande Circo Circular.



De maneira que tendo resolvido mudar de vida, vae embarcar para o Novo Mundo onde espera com seus talentos alcançar a fortuna em breve tempo.



Uma vez embarcado o nosso amigo Bobó não pode ficar dois dias sem executar seus exercicios.



Os marinheiros admirados de tel-o visto fazer seus perigosos trabalhos na ponta do mastro grande, ficam agora entusiasmados vendo o Bobó dansar sobre uma corda, tocando ao mesmo tempo uma magnifica aria na rabeca.



Desembarcado em New-York, comprimenta a America livre atrindo seu bonnet no ar e depois levantando-o com os dentes tornar á cobrir-se, deixando embasbacados os illustres Yankees.



Depois segue direito para o paiz do ouro, a California... uma distancia de 2400 kilometros á percorrer. Bobó declara que é uma brincadeira.



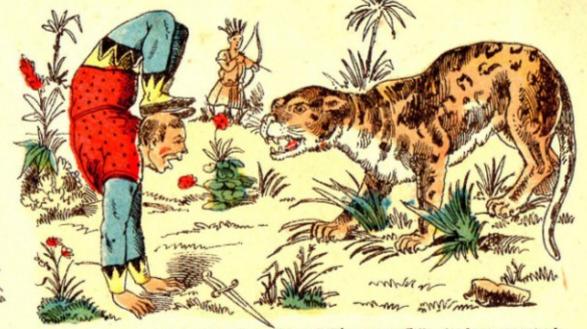
Mas depois de muitos dias de viagem, Bobó chegou sem saber-o no territorio de Dacotah habitado pelos indios Sioux. De repente vê-se cercado pelos guerreiros Sioux e ápezar de uma boa distribuição de soccos e de ponta-pés, Bobó fica prisioneiro.



Bobó levado diante do Grande Conselho dos Sioux comprimenta os chefes de um modo tão engraçado que os guerreiros desatão á rir apesar do firme proposito que elles tinham de ficar serios.



A aventura pareceu tão extraordinaria aos chefes do Grande Conselho que estes decidirão incorporar Bobó aos guerreiros da tribu. Incontinentemente foi armado e penteado á moda dos Sioux.



Mas as armas erão inúteis para o celebre Bobó e com effeito, tendo-se encontrado no matto com uma onça medonha que ia engulir-o, o palhaço tomou uma posição tão exquista que a fera espantada fugiu á pernas que te quer e ainda está correndo.



Os guerreiros que tinham presenciado o facto levarão Bobó em triumpho e o chefe dos Sioux deu-lhe a filha em casamento.



Foi assim que o celebre Bobó do Grande Circo Circular em vez de ir na California buscar ouro, ficou no meio das Pellas Vermelhas onde criou uma familia de Bobós-Sioux.



Devido á sua coragem Bobó por sua vez alcançou a distincção de chefe dos Sioux e sahio muitas vezes victorioso em combates com os Yankees. Porem os Sioux foram pouco á pouco desaparecendo até ficarem de todo destruidos pelos Americanos. Mas se esta desgraça se deu foi porque Bobó não estava mais vivo.



A pequena Maria como recompensa de suas bellas virtudes chegou à ser uma grande princeza pelo poder magico da fada coraçào de ouro.



Infelizmente julgando-se superior à todos por ter chegado à tão alta situação, tornou-se orgulhosa e malquista de quantos d'ella precisavam.



Quando encontrava um pobre repelli-o sem dar-lhe esmola.



Quando sua mãe fazia-lhe observaçoès olhava para ella de um modo tao soberbo e impertinente que a pobre velha morreu de pezar.



Maria a soberba, depois da morte da mãe, dispensou todos os velhos servidores sem sequer pagal-os.



Casou-se com um rico príncipe vizinho todos os servidores e gente de casa em multissímo riso.



Logo no primeiro dia depois das nupcias, não quiz que o marido apparecesse nos salões e deixou-o fechado no quarto todo o dia.



Mas de noite quando foi ver o que fazia o marido, qual não foi o seu espanto verificando que tinha desaparecido.



E por sua vez quando quiz sair encontrou todas as portas fechadas.



Foi para a janela e ficou admirada de ver seu marido que já não era tão pequeno, nem corcudo, mas sim grande e elegante.



Tinha uma vira na mão e transformava todos os servidores e gente de casa em galinhas, perús patos, etc.



Por fim tocou o palacio que ficou transformado n'uma pequena fazenda de criaçào com seus porcos, vacas, cavalhos, etc.



A princeza soberba, qual não foi seu desespero viu seus ricos vestidos mudarem-se em trajes de camponeza.



Quando quiz entrar na sua nova casa, ahi encontrou a fada coraçào de ouro que lhe disse o seguinte :



Em outros tempos o grande magico Belamor, ficou muito apaixonado de mim mas eu sempre o repelli; entào para vingar-se Belamor que tinha um poder magico superior ao meu, transformou-me em boneca.



E boneca havia de ficar até que tivesse encontrado uma moça de coraçào e genio perfectos o que era e ainda hoje é muito difficil de se encontrar, contudo um bello dia encontrei Maria que tornou-se princeza.



Mas Maria a soberba tendo perdido todas as suas virtudes na sua nova situação, a fada coraçào de ouro ha de tornar a ser boneca... N'este momento entrou o magico Belamor.



Contou que tinha-se casado com Maria para desfazer as esperanças da fada e acto continuo, tocou anhas com a vira magica.



A fada coraçào de ouro ficou transformada em boneca e assim ha de ficar até que encontre outra moça de coraçào e genio perfectos.



E Maria a soberba, a orgulhosa e vaidosa, ha de tratar as vacas e os perús patos até o fim da vida.



Na aldeia onde foi criada e onde vem passar a epocha das ferias, Martha não faz caso dos pequenos camponeses, porque é soberba, malcreada e vaidosa.



Os pequenos da aldeia que a veem tão orgulhosa divertem-se à sua custa.



E Martha chora de despeito quando volta em casa de seus parentes.



Um bello dia tendo ido dar um passeio viu uma velha ponte sobre um riacho e apezar das observações de sua ama adiantou-se sobre a ponte para atravessar o rio.



Mal tinha chegado no meio que a ponte estremecendo deu um trambulhão e cahiu n'agua.



Atirados pelos gritos da ama 3 pequenos da aldeia, sabendo que havia pouco fundo n'aquelle lugar divertirão-se com a orgulhosa que estava enlameando-se cada vez mais.



Emfim um d'elles tendo compaixão de Martha entrou n'agua e ajudou a vaidosa a levantar-se.



Vendo-a em tão triste estado, uma velha que passava disse-lhe : Minha filha é preciso não ser tão orgulhosa com os pobres, porque muitas vezes a gente precisa do auxilio de pessoas menos favorecidas da fortuna.



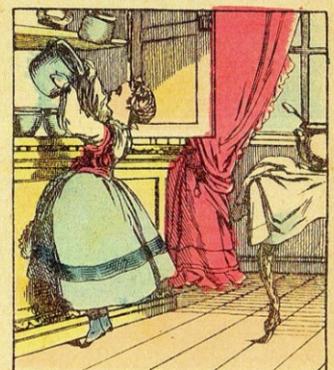
Maria quer bulir com as cortinas da janella e quebra os vidros ficando com a mão ferida.



Naõ estudou a lição e sua mãe collocou-lhe o bonnet dos orelhudos.



Quiz brincar com o fogo e queimou a boneca.



A golosa quer comer doces e faz cahir todo o caldo sobre o vestido.



Prohibirão-lhe de tocar nas rosas mas ficou castigada porque espetou-se as espinhas nos dedos.



Foi brincar com um macaco e este mordeu-lhe a mão.



Sua avó reprehende a pequena atrevida que mostrou-lhe a lingua.



Vendo escangalhado todo o jardim, fica-lhe prohibido de ir brincar n'elle.



Foi bulir com o irmão que arrumou-lhe bons cascudos.



Desobedeceu á mãe que fechou-a n'um quarto escuro.



Seu pae apanhou-a escutando atraz das portas e collocou a indiscreta em penitencia.



Maria é tão estouvada que atira com o almoço no chão.



Entrou no gallinheiro e quiz bulir com as gallinhas mas o gallo saltou-lhe na cara e Maria ficou machucada.



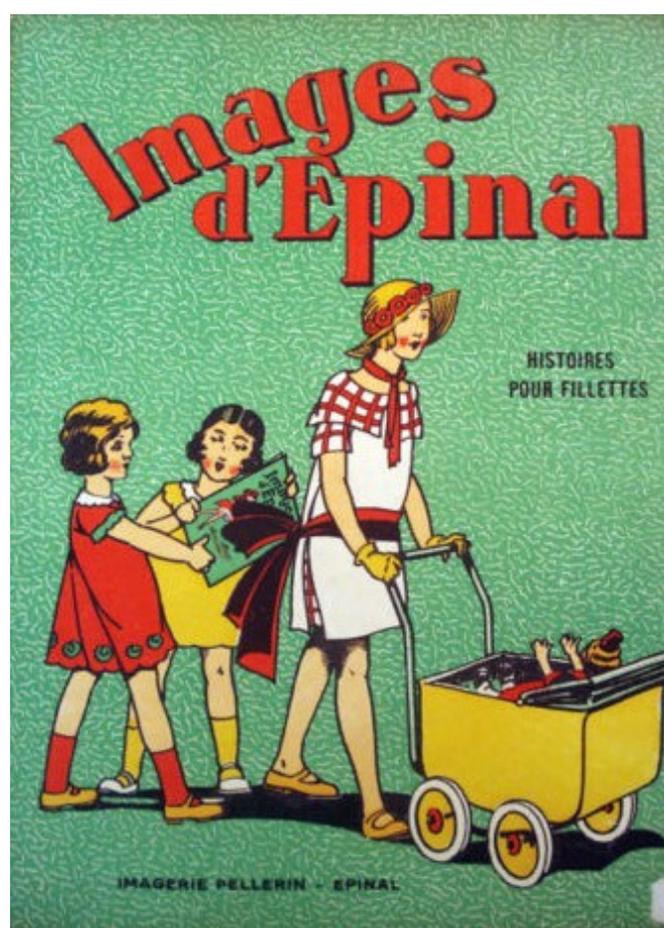
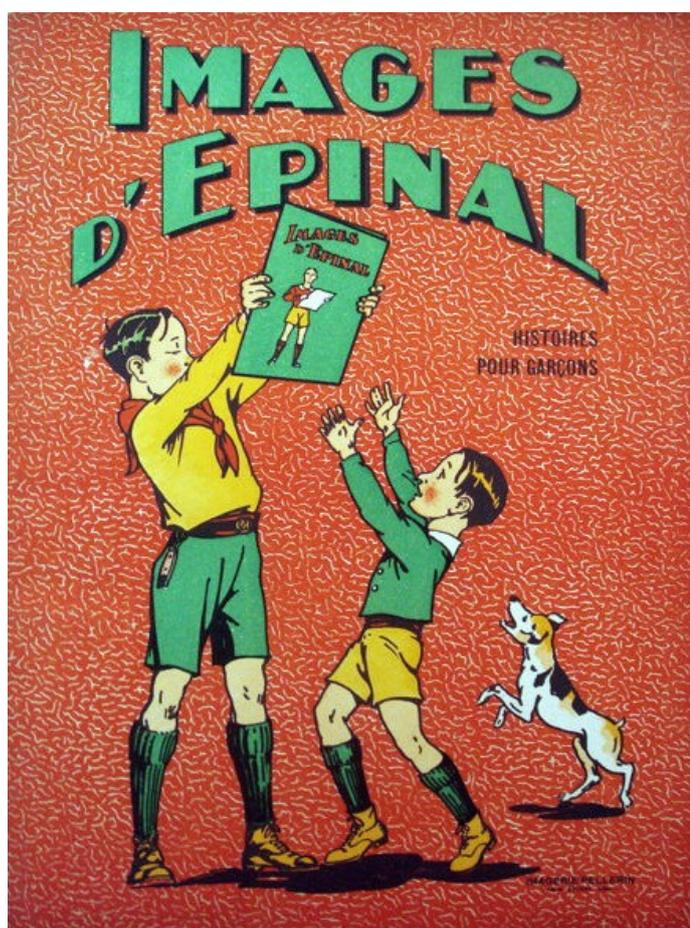
Outro dia atreveu-se á tirar agua do poço e despejou toda a agua sobre o vestido.



Sem necessidade foi abrir a porta do chiqueiro. Os porcos precipitaõ-se fóra e a desobediente dá um tombo sobre as pedras.



Calçou bottinas novas e foi logo correr á beira do rio; já está toda enlameada e as bottinas estão todas estragadas.



Capas de livros compilando páginas das Imagens d'Épinal

Images d'Epinal



IMAGERIE PELLERIN

Maison fondée en 1796

Capa de uma das edições francesas.